



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Levandowski Centenaro, Daniela; Piccinini, Cesar Augusto
A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 413-424
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815218>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Interação Pai-Bebê entre Pais Adolescentes e Adultos

Daniela Centenaro Levandowski^{1,2}

Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Embora muitos estudos investiguem a maternidade na adolescência, poucos têm investigado a paternidade nessa fase. Isso ocorre vez que o adolescente precisa cumprir diversas tarefas próprias da fase na qual se encontra, ele tenderia a se sentir mais cansado com as tarefas adicionais decorrentes da paternidade. Em virtude disso, sua interação com o bebê seria menor que a de pais adultos. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi examinar eventuais diferenças entre pais adolescentes e adultos na interação com o bebê aos 3 meses de vida. Participaram do estudo 20 pais, sendo 9 adolescentes e 11 adultos, todos com menos de seu primeiro filho. Quando o bebê completou 3 meses, foi realizada uma observação domiciliar da interação entre pai e bebê. As análises não revelaram diferenças significativas na interação pai-bebê entre adolescentes e adultos. Entretanto, ao contrário da expectativa inicial, estes adolescentes mostraram-se tão responsivos ao bebê quanto os pais adultos.

Palavras-chave: Intereração; pai; adolescente; adulto; bebê.

The Father-Baby Interaction between Adolescent and Adult Fathers

Abstract

Although many studies have investigated adolescent motherhood, only a few have focused on adolescent fatherhood. This occurs because adolescents already have several tasks to deal with concerning his own adolescence, so he would feel overwhelmed by the additional tasks regarding fatherhood. As a result, his interaction with his baby would be less than an adult father's. This study aimed at examining possible differences between adolescent and adult fathers' interaction with their 3-month-old baby. Twenty fathers, 9 adolescents and 11 adults, participated in the study. A home-based father-baby interaction was carried out when the baby was 3 months old. The analyses did not reveal any differences between adolescent and adult fathers' interaction with the baby. These results suggest that age is not necessarily a factor of father's responsibility towards his baby. Contrary to the initial hypothesis, the adolescents were as responsive to the baby as the adult fathers.

Keywords: Interaction; adolescent; adult; father; baby.

Os autores que se dedicaram ao estudo da adolescência são unânimes em afirmar que esta é uma fase bastante complexa do ciclo vital, pela quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta (Knobel, 1970/1981). Dentre as mudanças biológicas, a puberdade é o evento que se destaca, evidenciando-se pelo aparecimento dos caracteres sexuais

1994; Outeiral, 1994; Steinbeis, 1994). As mudanças cognitivas se traduzem pela maior capacidade de elaboração de hipóteses e ao adolescente maior aptidão para elaborar hipotéticas e sobre conceitos abstratos, como ele pensa sobre si mesmo e seu lugar no mundo (Piaget, 1976; Steinbeis, 1994).

É plausível que estas transformações próprias da fase adolescente fiquem exacerbadas frente a uma situação de gravidez e paternidade. Com o advento das primeiras experiências sexuais, os adolescentes acabam expostos à gravidez inesperada da namorada, principalmente quando não há informação ou uso de métodos anticoncepcionais adequados. Nos últimos anos, tem havido um grande aumento no número de adolescentes grávidas, tanto em nosso país como no exterior (Soares, 1999). O envolvimento do jovem nesta situação precoce terá repercussão psíquica e comportamental, uma vez que, conforme ressalta Nunes (1998), ele terá que desempenhar simultaneamente dois papéis diferentes: ser adolescente e ser pai. Em relação a este segundo papel, o jovem poderia não estar ainda preparado psicologicamente.

Considerando especificamente a interação pai-bebê, de acordo com Lamb e Elster (1986), o adolescente teria dificuldade de proporcionar uma interação parental de alta qualidade por vários motivos. Primeiramente pelo seu nível de desenvolvimento cognitivo, pois ele está adquirindo o pensamento lógico e abstrato. Essa imaturidade cognitiva, aliada às tarefas da adolescência, criaria um egocentrismo que impediria que as necessidades do bebê fossem avaliadas corretamente e como mais urgentes do que as do próprio jovem (Marsiglio & Cohan, 1997; McArney, Lawrence, Aten & Iker, 1984; Sadler & Catrone, 1983; Young, 1988).

Além disto, a falta de um planejamento da gravidez também poderia afetar a interação do adolescente com o bebê, uma vez que este estaria associado a um maior envolvimento paterno (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000). Sua falta de conhecimento sobre os estágios de desenvolvimento do bebê, afetaria suas atitudes em relação à criação e cuidado do bebê, através de expectativas errôneas em relação às suas capacidades (Lamb & Elster, 1986). Esse desconhecimento se deve tanto à menor escolaridade dos jovens como à menor quantidade de contato e experiências com crianças (Dennison & Gallo, 1999; Lamb & Elster, 1986; Maccoby & Cahn-

os pais. Quando as interações são mutuamente positivas, os pais mais provavelmente desenvolvem uma maior de auto-confiança e efetividade que promoveriam a melhoria da qualidade da interação. Adolescentes que têm bebês tendem a perceber seus bebês como mais temperamento difícil (Jorgensen, 1993) o que pode dificultar a interação com o mesmo.

A qualidade da interação também se vê afetada pelo estresse parental, que diminuiria a sensibilidade ao bebê (Christmon, 1990; Lamb & Elster, 1986). O estresse seria mais intenso entre os adolescentes que vivem a ocorrência da gestação fora do tempo pretendido, podendo acarretar isolamento, rejeição social, problemas educacionais, profissionais e econômicos. Adolescentes jovens também teriam menos recursos para lidar com a maior quantidade de estresse de um novo bebê (Lamb & Elster, 1986; Russel, 1980).

Por fim, o apoio social também aparece como um fator influente no comportamento parental (Lamb & Elster, 1986). A rede de apoio poderá contribuir para a diminuição do estresse do jovem, aumentando seu conhecimento sobre desenvolvimento infantil, aumentando a auto-estima e da efetividade percebida. O apoio social, fornecimento de uma ajuda prática, que é particularmente importante parece ser o emocional, principalmente proveniente da família de origem. Além disso, a casa dos próprios pais após o nascimento do bebê também ajudaria a obter melhores resultados educacionais (Coley & Chase-Lansdale, 1992; Dennison & Gallo, 1999; Jorgensen, 1993).

Especificamente no que tange ao apoio social, estudos (Allen & Doherty, 1996; Cervone & Chen, 1999; Furstenberg, 1980) apontam que o apoio familiar da adolescente por vezes pode ser fundamental para a formação de uma aliança viável da jovem com o pai do bebê. Isso ocorre assim seu contato com a criança e sua participação no cuidado da mesma. De fato, a relação do pai com a mãe da criança pode ser tanto um fator de risco quanto de proteção para a jovem.

delas não tinha contato com o pai, o que, para os autores, indicaria uma falha no desempenho do papel paterno. A revisão de literatura feita por Coley e Chase-Lansdale (1998) também mostrou que, apesar das baixas taxas de casamento e alta incidência de divórcio entre mães adolescentes e seus parceiros, pelo menos 50% dos pais adolescentes viviam com sua criança algum tempo depois do nascimento, embora esta situação não durasse muito e variasse conforme a etnia do pai.

No que se refere aos aspectos individuais, quando comparados aos pais adultos, os adolescentes não apresentariam uma prontidão psicológica, em virtude de serem menos racionais em suas decisões, menos capazes de fazer julgamentos morais e cognitivos e terem menos informações sobre o desenvolvimento infantil (Belsky & Miller, 1986). Isto poderia levar a uma interação menos responsiva com o bebê.

No entanto, apesar destes estudos apontarem para dificuldades na interação entre o pai adolescente e seu bebê, outros estudos apontam um certo nível de envolvimento paterno do adolescente, ou mesmo ausência de diferenças entre adolescentes e adultos. Em várias pesquisas recentes os pais adolescentes referiram um envolvimento expressivo na vida da criança, seja através de contribuição financeira ou outras formas alternativas de cuidado (Allen & Doherty, 1996; Dallas & Chen, 1999; Trindade & Bruns, 1999). Endossando estes achados, Lamb e Elster (1985), em um estudo comparando a parentalidade entre adolescentes e adultos, encontraram que os pais adultos e adolescentes de menor idade foram significativamente mais responsivos aos bebês do que os pais adultos jovens. No entanto, de forma geral, a idade do pai contribuiu para poucas diferenças nas interações pai-bebê, mãe-bebê e mãe-pai. Para estes autores, os adolescentes se assemelham muito aos pais adultos. Na verdade, a variação na idade parental é um determinante muito menos importante na qualidade do comportamento parental do que uma variedade de fatores sócio-ecológicos

próprio pai e pela falta de apoio social. Embora exista uma situação muitas vezes não ideal para a parentalidade, demonstram que os adolescentes podem lidar com as adversidades e propiciarem um ambiente seguro ao bebê, semelhante à dos pais adultos. De modo similar ao estudo de Lamb e Elster, ao modo, as teorizações apontam para a hipótese, a de menor responsabilidade dos pais adolescentes ao bebê. Neste sentido, o presente estudo busca investigar eventuais diferenças na interação entre adolescentes e adultos com seu bebê aos três meses de vida, quando se comparar pais adolescentes e pais adultos. De acordo com Robinson e Barret (1982) e Lamb e Elster (1985), é fundamental a necessidade de se verificar se existem diferenças entre os dois grupos e, caso existam, se elas permanecem as mesmas nas duas faixas etárias.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 22 gestantes adolescentes e 11 adultos. Todos esperavam a chegada de seu bebê e a gravidez as gestantes não apresentaram complicações. Todos os participantes faziam parte de um estudo longitudinal realizado pelo Centro de Desenvolvimento e Psicopatologia da Criança (CDP) (1999) que atualmente acompanha 120 casais da gestação ao segundo ano de vida do bebê, envolvendo diferentes idades, níveis de escolaridade e configurações familiares². Os participantes do presente estudo foram selecionados entre os participantes do estudo longitudinal, da rede pública da cidade de Fortaleza, sendo 16 gestantes adolescentes (16), por indicação da gestante (15) e gestante (01) e também por indicação de comunicação locais (03).

Os pais foram selecionados entre os pais adolescentes e os pais adultos, que acompanhavam suas gestantes, que preenchiam a ficha de participação no estudo, contendo alguns dados demográficos e socioeconômicos que preencheram os critérios do estudo longitudinal, que incluiam:

Tabela 1
Dados Demográficos dos Casais Adolescentes

Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade (em anos)	Ocupação
01 Pai	18	Namorados	09	Operador de xerox
Mãe	15		09	Estudante
02 Pai	19	Companheiros	08	Marceneiro
Mãe	18		11	Estudante
03 Pai	16	Companheiros	07	Fabricação de coleiras
Mãe	14		08	Estudante
04 Pai	19	Casados	11	Aux. escritório
Mãe	17		09	Estudante
05 Pai	18	Companheiros	07	Aux. escritório
Mãe	19		08	Babá
06 Pai	18	Companheiros	05	Pedreiro/estudante
Mãe	18		07	Estudante
07 Pai	19	Companheiros	11	Supridor
Mãe	18		11	Estudante
08 Pai	17	Namorados	10	Estudante
Mãe	17		10	Estudante/estagiária
09 Pai	16	Companheiros	04	Estudante
Mãe	14		08	Estudante

Tabela 2
Dados Demográficos dos Casais Adultos

Identificação do casal	Idade	Estado civil	Escolaridade (em anos)	Ocupação
10 Pai	27	Casados	05	Pedreiro
Mãe	24		08	Doméstica
11 Pai	30	Casados	05	Zelador de igreja
Mãe	26		04	Do lar
12 Pai	34	Casados	10	Aux. escritório
Mãe	29		11	Aux. enfermagem
13 Pai	30	Casado	11	Marceneiro
Mãe	33		15	Auxiliar administrativo
14 Pai	28	Casados	11	Almoxarife
Mãe	30		15	Aux. laboratório

A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam as características demográficas dos participantes adolescentes e adultos respectivamente. No grupo adolescente, a idade variou de 16 a 19 anos ($m = 17,7$ anos, $dp = 1,0$), e no grupo adulto, de 25 a 38 anos ($m = 29,9$ anos, $dp = 3,8$). A escolaridade variou no grupo adolescente de 4 a 11 anos ($m = 7,9$ anos, $dp = 2,3$) e no grupo adulto de 5 a 14 anos ($m = 9,2$ anos, $dp = 3,3$), com uma diferença esperada entre os grupos, em função da faixa etária. O nível sócio-econômico variou de baixo a médio, com base na escolaridade e profissão dos pais. Em geral os participantes exerciam alguma atividade remunerada. Os termos *casados* e *companheiros* indicam os casais que moravam juntos, enquanto os denominados namorados não moravam juntos.

Delineamento e Procedimentos

O estudo envolveu dois grupos de comparação (Nachmias & Nachmias, 1996), sendo um de pais adolescentes e outro de pais adultos. Em cada grupo foi examinada a interação do pai com o bebê no seu terceiro mês de vida. Os casais que participaram da presente fase de coleta de dados, quando o bebê estava com três meses, já haviam participado de uma fase anterior de coleta de dados, no terceiro trimestre da gestação, como parte do projeto longitudinal mencionado acima. Naquela oportunidade foi preenchida a *Ficha de contato inicial*, assinado o *Consentimento informado*, e o casal respondeu a *Entrevista de dados demográficos do casal*, além de outras entrevistas sobre a gestação e a história do casal, cujos dados não são analisados no presente estudo.

Quando o bebê completou três meses de vida, os casais foram novamente contatados e visitados em sua residência. Nesta ocasião foi realizada a *Observação da interação familiar*, envolvendo uma seqüência de quatro situações de interação livre de oito minutos cada: pai-mãe-bebê, pai-bebê, mãe-bebê e novamente pai-mãe-bebê. Foi solicitado que o pai e a mãe agissem livremente com seu bebê, como faziam normalmente quando estavam juntos. Às vezes, se o casal não iniciava a interação, o pesquisador estimulava os pais a interagirem com o bebê.

experiência da parentalidade infantil, aplicados ao casal na observação da família intera-

Instrumentos e material

Ficha de contato inicial (GIDE) preenchida pelas gestantes no final da gestação, ou por telefone, para selecionar os possíveis participantes. A pesquisa investigou alguns dados demográficos dos genitores, estado civil, endereço, estado de saúde durante a gestação, nascimento do bebê. Era também fornecido o nome e/ou endereço para o contato posterior. O *Consentimento informado* (GIDE) visou informar aos participantes os objetivos da pesquisa, bem como ao pesquisador responsável. Foi enviado por correio, permanecendo uma cópia com os participantes.

Entrevista de dados demográficos do casal preenchida pelo casal, com o nome e endereço da sua residência. Esta ficha visou obter informações adicionais sobre o casal, tais como: idade, religião, tempo de trabalho e duração da gestação. A *Observação da interação familiar* (GIDE) é realizada por uma seqüência de quatro interações entre a família: pai-mãe-bebê, mãe-bebê, novamente pai-mãe-bebê. Cada interação teve duração de oito minutos.

considerada apenas a interação entre pai e bebê.

Avaliação da interação pai-bebê Para fins de análise da interação entre pai e bebê, foi usado um protocolo desenvolvido por Kline e Kline (1984), Isabella, Belsky e von Hofsten (1992), derivada destes trabalhos utilizada por Millar (1999). As co-ocorrências foram definidas como trocas recíprocas entre pai e bebê iniciadas

compõem as seqüências sincrônicas foram definidos a partir do cruzamento de alguns comportamentos paternos e do bebê. Já assincronia foi definida como não responsividade de um membro da diáde ao comportamento do outro (Ex.: bebê chora-pai ignora), ou a emissão de um comportamento não adequado ao comportamento emitido pelo outro membro (por exemplo, bebê sonolento-pai estimula), sendo os comportamentos que compõem as seqüências assincrônicas definidos da mesma forma.

Contudo, a simples ocorrência de comportamentos paternos e infantis em determinado intervalo não garantia que fossem computados como seqüências sincrônicas. Ao se examinarem tais seqüências, buscou-se avaliar a qualidade positiva ou negativa presente entre os comportamentos infantis e paternos. Por exemplo, definiu-se como interação sincrônica aquela em que ambos os membros contribuíam para a interação observada (por exemplo, bebê olha para o pai, pai vocaliza para o bebê), ou em que a interação envolvia uma clara troca de comportamentos (por exemplo, pai estimula, bebê sorri para o pai), ou em que o comportamento de pelo menos um dos membros da diáde fosse julgado como apropriadamente responsável ao comportamento do outro (por exemplo, bebê chora ou está agitado, pai embala).

Conforme indicado em vários trabalhos realizados por Belsky e colaboradores (1984), a dimensão sincronia é considerada importante para o desenvolvimento do apego, significando uma identificação correta das necessidades do bebê, a elaboração de um plano de ação e a execução de uma ação-resposta adequada à satisfação destas necessidades. Assim, esse conceito tem sido sistematicamente relacionado à sensibilidade materna. No presente estudo, entende-se que esta teorização sobre a sensibilidade e responsividade materna e a interação sincrônica mãe-bebê poderia ser aplicada também à interação pai-bebê. De acordo com os estudos de Belsky e colaboradores (1984) acima mencionados, trabalhos descritivos têm mostrado que os pais podem ser tão sensíveis com seus bebês quanto as mães,

treinamento teve o objetivo de esclarecer as categorias de análise do protocolo inicial. Todas as dúvidas na análise dos comportamentos foram dirimidas na presença de um terceiro juiz. Isso levou a algumas modificações na estruturação do comportamento e nas respectivas definições das propostas. Foram também incluídas categorias criadas para este estudo, em função da faixa etária (3 meses) (Ex.: *bebê responde ao estímulo, pais brinquedo*). Além disso, com base em uma amostra de 10 diádes pais-bebê, diversas categorias foram excluídas do protocolo final, tendo em vista sua baixa frequência (Ex.: *pai interpreta/fala pelo bebê, sorri*), pois ocorreram em menos de 1% dos intervalos observados. Entre elas, destaca-se a categoria assincrônica, que englobava algumas categorias de comportamento do bebê. Assim, o protocolo final utilizado neste estudo foi composto por 14 comportamentos (responde à vocalização/choro do bebê; fala para o bebê; brinca com o bebê; estima/objetos; estima sem objeto; brinque/objeto; acaricia/beija o bebê; embala/aconchega o bebê; olha para a câmera/outro lugar; posiciona-se face a face com o bebê; move-se com o bebê; ajeita o bebê). Os comportamentos do bebê (vocaliza/chora; olha para o pai; alerta/irritado; olha para o lado; se move para outro lugar; segura brinquedo/estímulo; responde ao estímulo) foram divididos em sequências sincrônicas (vocaliza/vocaliza; vocaliza/olha; olha/olha; responde ao estímulo/responde ao estímulo; brinque/brinque; alerta-irritado/alerta-irritado) e sequências assincrônicas (vocaliza/olha; olha/olha; responde ao estímulo;brinque;brinque; alerta-irritado/resposta adequada). No mesmo intervalo de quinze segundos se observou uma categoria de comportamento e/ou outra, uma delas foi pontuada.

Dez casos foram analisados separadamente para cada codificador para o cálculo do índice Kappa. A análise das categorias, realizado através de Kappa variou de 0,41 a 0,89 ($m=0,65$).

Resultados

Uma análise inicial usando o teste de correlação de Spearman foi utilizada a fim de se examinar eventuais relações entre os fatores demográficos (escolaridade, idade, sexo do bebê) e as categorias de comportamentos paternos, do bebê e as interações sincrônicas. De modo geral, os fatores demográficos apareceram pouco correlacionados com a maioria das categorias de comportamento observadas⁵. Esta ausência de correlações significativas sugere que os fatores demográficos examinados parecem não ser determinantes para a maioria das categorias de

comportamentos paternos, ou as interações sincrônicas consideradas no presente estudo.

O teste de Mann-Whitney foi usado para examinar a expectativa inicial sobre diferenças entre adolescentes e adultos na intensidade de cada uma das categorias analisadas. A Tabela 3 mostra a incidência média, o desvio-padrão e o nível de significância para cada categoria de comportamento paterno. Como pode ser visto na Tabela 3, nenhuma significativa foi encontrada entre adolescentes e adultos em todas as categorias de comportamento. Isso indica que nos dois grupos os pais realizaram

Tabela 3

Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamento

Comportamentos paternos		Pais jovens <i>n</i> = 9	Pais adultos <i>n</i> = 11
Responde à vocalização/choro do bebê	<i>m</i>	10,77	9,09
	<i>dp</i>	6,79	7,54
Fala para o bebê	<i>m</i>	20,11	15,72
	<i>dp</i>	3,65	7,43
Estimula com objeto/brinquedo	<i>m</i>	8,00	6,00
	<i>dp</i>	6,40	6,76
Estimula sem objeto/brinquedo	<i>m</i>	6,11	5,54
	<i>dp</i>	5,10	3,67
Colo	<i>m</i>	18,88	18,27
	<i>dp</i>	8,49	9,14
Sorri para o bebê	<i>m</i>	9,11	3,90
	<i>dp</i>	8,28	3,23
Acaricia/beija o bebê	<i>m</i>	6,33	7,00
	<i>dp</i>	2,50	3,87
Embala/conchega o bebê	<i>m</i>	8,77	8,63
	<i>dp</i>	8,02	7,31
Olha o bebê	<i>m</i>	23,77	23,63
	<i>dp</i>	0,44	0,67
Olha para câmera/outro lugar	<i>m</i>	13,33	16,09
	<i>dp</i>	6,38	5,50

semelhantes quanto aos comportamentos emitidos durante a interação com o bebê.

As categorias de comportamentos paternos com maior incidência em ambos os grupos foram *falar para o bebê, olhar para o bebê, dar colo e olhar para a câmera ou outro lugar*. Este último comportamento sugere que a presença do observador e o uso da câmera interferiu na interação. No entanto, comparando-se as freqüências entre estas categorias de comportamentos e as demais, vê-se que a interferência parece ter sido uniforme entre os grupos. Também cabe mencionar algumas tendências que apareceram na Tabela 3, mesmo que não tenham sido significativas. Por exemplo, na

categoria de comportamentos paternos *falar para o bebê e fica em pé/movimenta-se com o bebê*, os pais adolescentes apresentaram uma incidência pouco maior de comportamentos do que os pais adultos. Isto sugere, inclusive, uma tendência à maior proximidade dos pais adolescentes, ao contrário do que inicialmente, com base na literatura revisada, se pensava. As tendências necessitam ser melhor exploradas em estudos futuros.

O teste de Mann-Whitney também foi usado para investigar eventuais diferenças na incidência das diferentes categorias de comportamentos do bebê.

Tabela 4
Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamentos do Bebê

Comportamentos do Bebê		Pais jovens n = 9	Pais adultos n = 11	U
Vocaliza/choraminga	<i>m</i>	14,11	12,00	42,50
	<i>dp</i>	6,35	6,38	
Alerta/acordado	<i>m</i>	18,88	20,27	39,00
	<i>dp</i>	6,50	6,81	
Olha para o pai	<i>m</i>	7,55	7,09	44,00
	<i>dp</i>	8,30	6,80	
Alerta/irrequieto	<i>m</i>	8,00	5,81	35,50
	<i>dp</i>	5,14	5,63	
Olha para câmera/outro lugar	<i>m</i>	19,77	20,00	41,00
	<i>dp</i>	4,65	5,09	
Segura brinquedo/estímulo	<i>m</i>	7,00	5,63	40,00
	<i>dp</i>	6,68	7,41	
Responde ao estímulo/brinquedo	<i>m</i>	11,22	9,45	44,50
	<i>dp</i>	9,18	8,20	

Tabela 5
Incidência Média, Desvio-padrão, Valor de U e Nível de Significância para cada Categoria de Comportamentos Síncronos

Seqüências Síncronas	Pais jovens n = 9	Pais adultos n = 11	U
----------------------	----------------------	------------------------	---

estudo. A Tabela 4 apresenta a incidência média, o desvio padrão, o valor de U e o nível de significância para cada categoria de comportamentos do bebê. Os resultados não revelaram diferenças significativas em nenhuma das categorias.

Ao contrário do que se esperava, os bebês de ambos os grupos apresentaram comportamentos semelhantes durante a observação realizada. Como pode ser visto na Tabela 4, ocorreu variabilidade na incidência de comportamentos entre os bebês dos dois grupos. No entanto, nenhum padrão particular apareceu. A semelhança encontrada entre os bebês de ambos os grupos endossa a ausência de diferenças significativas nas categorias de comportamentos paternos analisadas acima.

Por fim, o teste de Mann-Whitney foi também utilizado para se examinar eventuais diferenças nas trocas sincrônicas entre pai adolescentes e adultos e seus bebês. A Tabela 5 apresenta a incidência média, o desvio padrão, o valor de U e o nível de significância para cada sequência sincrônica observada neste estudo.

Os resultados não revelaram nenhuma diferença significativa entre os grupos nas diversas seqüências sincrônicas examinadas. Os dados indicam que pais adolescentes e adultos interagiram de forma bastante semelhante com seus bebês, pois apesar de ter ocorrido uma pequena variabilidade na incidência de seqüências sincrônicas entre os grupos, em decorrência da variabilidade nos comportamentos individuais paternos e do bebê, novamente nenhum padrão particular apareceu.

Discussão

De acordo com a hipótese inicial do estudo, baseada em parte da literatura existente sobre a interação pai adolescente-bebê, eram esperadas diferenças entre pais adolescentes e adultos no que tange à sua interação com o bebê. Contudo, os resultados do presente estudo não corroboraram a expectativa inicial, principalmente de que o adolescente tenderia a ter uma interação menos

Inicialmente, se poderia pensar que não seria suficientemente sensível para detectar particularidades na dinâmica entre pais e bebês. No entanto, utilizando protocolos diferentes, os mesmos tipos de interação, Carrasco et al. (1997) encontraram diferenças significativas entre pais que participaram de diferentes momentos de desenvolvimento precoce. No estudo de Ferrari (1997), os pais utilizaram o mesmo protocolo para analisar a interação com sua mãe solteira ou casada, apontando para algumas diferenças apontando para um maior envolvimento das mães solteiras. Estas diferenças sugerem a possibilidade de que o ambiente familiar possa ser responsabilizado pela ausência de diferenças entre os grupos. O mesmo se aplica ao momento de coleta de dados, que utilizou o mesmo protocolo, este procedimento sempre integrado ao questionário observado, ambos os grupos realizaram o mesmo procedimento, e por isto só houve uma mesma influência. Além disso, os pais foram instruídos a evitar a interação pai-bebê, evitando assim qualquer tipo de interferência entre os grupos. Esperava-se que isto contribuísse para que os pais ficassem bastante atentos ao seu bebê, reagindo de forma sincrônica. No estudo de Carrasco et al. (1997), os pais também se utilizou uma filha de 12 meses, mostrando expressivas diferenças entre os grupos. Portanto, nem o protocolo, nem a observação, parecem conseguir detectar as diferenças encontradas no processo de socialização pais-bebê entre adolescentes e jovens pais.

Na verdade, parece que o presente estudo assumiram a continuando a conviver com o bebê, e em alguns casos passaram a amar a ela, o que contribuiu para um vínculo mais forte com o bebê. Achados semelhantes foram feitos por Allen e Doherty (1996) e Tripathi e Rana (1998).

por Brazelton e Cramer (1990/1992), ao assinalarem que é a interação contínua do pai com o bebê que traz o reconhecimento entre a dupla e permite o estabelecimento da sincronia da interação. Outros autores como Anderson (1996) e Cabrera e colaboradores (2000) também têm enfatizado que as experiências prévias de pais com cuidado de crianças aumentavam a probabilidade de envolvimento paterno.

Percebe-se também que a maioria dos participantes do presente estudo referiram que já possuíam conhecimentos sobre o cuidado de bebês e inclusive alguma experiência de cuidado de irmãos ou primos menores, o que com certeza contribuiu para sua interação com o bebê. Isto confirma os achados de Allen e Doherty (1996) e Dallas e Chen (1999), de que o conhecimento sobre o cuidado do bebê facilitaria a interação e envolvimento com o mesmo. Ao mesmo tempo, contraria o que geralmente é veiculado pela literatura sobre o desconhecimento dos adolescentes em relação ao desenvolvimento infantil (Bolton & Belsky, 1986; Lamb & Elster, 1986; Marsiglio & Cohan, 1997; Montmayor, 1986).

Talvez pelas razões acima mencionadas a incidência das seqüências assincrônicas tenha sido tão baixa, a ponto de serem excluídas do protocolo por não se mostrarem representativas da interação destes pais adultos e adolescentes com seus bebês aos três meses de idade. A respeito desse achado preliminar, se poderia levantar uma outra hipótese: o período de tempo de 15 segundos é bastante amplo para que um pai responda a um determinado comportamento do bebê. Nesse caso, se a análise fosse feita por contingência, com intervalo bem mais curto (Ex.: 6 segundos), poderia ter sido encontrada uma maior incidência de seqüências assincrônicas. Baixa freqüência de resposta também ocorreu inclusive com algumas seqüências sincrônicas observadas (Ex.: *vocaliza/ acaricia - beija; olha/estimula com objeto - brinquedo*), o que sugere que estas seqüências podem não ser representativas da interação de pais adolescentes e adultos com seus bebês aos três meses de vida destes.

1988; Zuckerman, Winsmore & Alpern, 1992). As investigações se fazem necessárias. De modo geral, os resultados do presente estudo sugerem que, quando se fala que a interação entre pais adolescentes e bebês tende a ser menos responsiva,

Além das diferenças individuais, outras variáveis, como a rede de apoio social e a relação com a companheira, desempenham um papel importante na qualidade da interação do bebê com seu pai. A ausência de diferenças entre pais adolescentes e pais adulto jovens apontada no presente estudo, adquire relevância quando se considera, conforme Cox, Cox e Margand (1992), que a qualidade da interação entre pais adolescentes e bebês, junto com as atitudes em relação ao bebê, e ao papel paterno e o tempo de contato com o bebê, são fatores preditores da qualidade da interação no primeiro ano de vida.

Os achados do presente estudo não podem fornecer um retrato da paternidade na adolescência, porque estes pais e, inclusive os adultos jovens, são considerados como um grupo social homogêneo (Hinde & Dessen, 1999), uma vez que existem diferenças entre os pais adolescentes envolvendo características de personalidade, nível socioeconômico, etnias, idades, etc., que contribuem para variações entre os pais. Contudo, acredita-se que os resultados do presente estudo lançam idéias para novos estudos sobre a paternidade. Por exemplo, seria interessante complementar o estudo da interação no terceiro mês do bebê com entrevistas sobre a experiência da paternidade dos pais adolescentes a fim de se compreender os seus sentimentos e sua participação na vida da criança. Também é necessário avaliar a interação de pais adolescentes com bebês de outras idades do bebê, traçando a evolução das modificações e da estabilidade por questões de idade e sexo do primeiro ano de vida. É provável que, ao longo dos primeiros meses de vida do bebê, a interação paterna sofra grandes modificações, tendo em vista as novas demandas familiares e do próprio desenvolvimento do bebê. Assim, é importante que futuros estudos abordem a interação entre pais adolescentes e bebês de diferentes idades e sexos, e que sejam realizados estudos longitudinais para compreender a evolução da interação entre pais adolescentes e bebês ao longo do primeiro ano de vida.

do bebê na interação com o pai pudesse ser examinado. Estudos futuros, com amostras maiores e selecionadas de forma aleatória, contribuirão para esclarecer muitas das questões levantadas pelo presente estudo.

Além de contribuir para o tema da paternidade, a presente investigação permitiu a comparação entre adolescentes e adultos, preenchendo uma lacuna encontrada na literatura, pois são escassos os estudos que compararam pais destes dois grupos etários em sua interação com o bebê. Além disso, permitiu a observação direta dos pais, evitando-se o eventual viés presente nos depoimentos maternos sobre os pais de seus bebês, tão sistematicamente apontado como falha metodológica por alguns autores (Robinson & Barret, 1982).

Talvez o ponto mais importante do estudo tenha sido mostrar que a paternidade na adolescência nem sempre assume um caráter negativo na vida dos jovens, como é representado freqüentemente, pelo menos em parte da literatura. É claro que os jovens enfrentam dificuldades na tarefa de ser pai, mas estas dificuldades não são necessariamente intransponíveis, especialmente quando eles recebem apoio de sua família e da família da namorada/companheira. Apesar das dificuldades que encontram em sua transição para a paternidade, os adolescentes parecem se tornar os melhores pais que eles podem ser.

Referências

- Nakashima, I. I. & Camp, B. W. (1984). Father of infant born to adolescent mothers: A study of paternal characteristics. *American Journal of Disease on Children*, 138(1), 452-454.
- Nunes, C. E. G. (1998). Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais. *Psico*, 29(1), 125-138.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parke, R. D., Power, T. G. & Fisher, T. (1980). The adolescent father's impact on the mother and child. *Journal of Social Issues*, 36(1), 88-106.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1970/1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: Ensaios sobre a construção das estruturas operatórias formais*. São Paulo: Pioneira.
- Preto, N. G. (1995). Transformação do sistema familiar na adolescência (M. A. V. Veronese, Trad.) Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (3^a ed.; pp. 223-247). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1989)
- Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenberg, M. T. & Robinson, N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18(4), 627-634.
- Reis, J. S. & Herz, E. J. (1987). Correlates of adolescent parenting. *Adolescence*, XXII (87), 599-609.
- Rhein, L. M., Ginsburg, K. R., Schwarz, D. F., Pinto-Martin, J. A., Zhao, H., Morgan, A. P. & Slap, G. B. (1997). Teen father participation in child rearing: Family perspectives. *Journal of Adolescent Health*, 21(4), 244-252.
- Robinson, B. E. (1988). Teenage pregnancy from the father's perspective. *American Journal of Orthopsychiatry*, 58(1), 46-51
- Robinson, B. E. & Barret, R. L. (1982). Issues and problems in research on teenage fathers: A critical analysis. *Journal of Adolescent Health*, 52(10), 596-600.
- Robinson, B. E. & Barret R. L. (1987). Self-concept and social support among adolescent and adult fathers. *Adolescence*, XXII (87), 611-619.
- Robson, C. (1995). *Real world research: A resource for social scientists*. Oxford, UK: Blackwell.
- Russell, C. S. (1980). Unscheduled parenthood: The experience of the teenager. *Journal of Social Issues*, 36(1), 45-63.
- Sadler, L. S. & Catrone, C (1983). The adolescent parent: A developmental crisis. *Journal of Adolescent Health Care*, 4(1), 1-10.
- Soares, I. (1999, 21 de Novembro). Gravidez precoce e menores estão sem controle. *Jornal Zero Hora*, Seção Geral.
- Steinberg, L. (1985). *Adolescence*. New York: Alfred Knopf.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. de T. (1999). *Adolescentes: um fenômeno*. Ribeirão Preto: Holos.
- Young, M. (1988). Parenting during mid-adolescence: Developmental theories and parenting behaviors. *Maternal and Child Health Journal*, 17(1), 01-12.
- Zuckerman, B.; Winsmore, G. & Alpert, J. J. (1979). Adolescent mothers' support systems of inner city adolescent mothers. *Pediatrics*, 95(1), 122-125.

Sobre os autores

Daniela Centenaro Levandowski é Psicóloga (PUCRS), Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC/Chapecó) e da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

César Augusto Piccinini é Psicólogo (UFRGS), PhD em Psicologia (University of London). Professor do Instituto de Psicologia da UFRGS.